

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1191	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	5950	120	<b>30 de Janeiro de 1912</b>	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem) .....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

## CRONICA OCCIDENTAL

## Exposição Malhóa, no Porto

(Veja Cronica)

A imprensa portuense refere-se largamente a uma exposição de pintura, agora realisada na capital do norte pelo pintor José Malhóa.

O nome deste artista basta para atrair o publico a vêr os quadros de um pintor bem português, pelo temperamento, pela visão da cõr, pelo nacionalismo da sua obra, em que avulta o estudo dos tipos e dos usos do nosso Portugal, quando contemplemos as suas formosas telas, reproduzindo a linda paisagem dos nossos campos, ou nos recantos das aldeias, onde Malhóa encontra sempre assuntos tipicos, caracteristicos do seu viver, nos arraiais, nas procições, nas feiras, em que apresenta o seu *Barbeiro da aldeia*, *As fogaças*, essa preciosa coleção de quadros exuberantes de luz e de colorido, de um pintor verdadeiramente peninsular, deste extremo occidental, onde o sol é mais intenso e por isso as côres mais vivas.

Mas não é só na paisagem á luz ampla e viva deste sol, que a sua paleta nos atrae; ela tem a sobriedade precisa quando reproduz o interior da taberna do seu quadro *Bebados*, quadro de observação psicologica, cheio de verdade, estudado em todos os seus pormenores e de tonalidade segura, em que a vista repousa tranquilamente.

A reputação de Malhóa está feita desde o seu quadro *Marquês de Pombal*.

Esse quadro é a eloquente afirmação do artista; prova o seu talento a par de uma grande força de vontade, neste meio acanhado e pobre para lhe recompensar o esforço, para lhe remunerar o trabalho.

Depois deste que serie de quadros a sua operosidade tem produzido, e que de triunfos alcançados para o artista desde as exposições nacionais até ao *Salon*, onde as recompensas não se esbanjam.

São muitos desses quadros, em numero superior a cincuenta, que José Malhóa apresentou ao publico portuense, no vasto salão da



RETRATO DA EX.<sup>ma</sup> MINISTRA DA ARGENTINA

(Quadro de Malhóa)

avenida Rodrigues de Freitas.

Mas entre tantos quadros em que se afirma o pintor e o poeta, *As cebolas*, *Velhice*, *Manhan de primavera*, *Gritando ao rebanho*, *A Rosita das courelas* e outros, destacam-se o esplendido retrato da sr.<sup>a</sup> ministra da Argentina, um primor de pintura e de tecnica, reproduzindo o original com rara semelhança; e o *Fado*, uma das ultimas obras de Malhóa, mais sentida, mais observada, mais portuguesa, que nenhum outro artista ainda impressionou em um metro de tela.

O *Fado*, essa eterna poesia do povo, tão nosso, como este amoroso ceu que nos cobre, todo envolvente do sentimentalismo a um tempo amavel e filosofico da alma portuguesa, ora gemendo as suas maguas, ora cantando as suas glorias; o que faz subir do coração aos olhos as lagrimas da dôr, da saudade, ou esquecer tristezas, afogando-as no prazer.

O *Fado* que toca as fibras do coração na sua melopeia dolente e apaixonada quando o amor o inspira; conceituoso, sarcastico quando critica a sociedade em que vive, castigando-lhe os vicios, os erros, ou escarpelando lhe os ridiculos.

E' ele o desabafo do povo, a valvula por onde se escapa a ira ou o desprezo popular, queixando-se ou rindo-se; a sua indole sonhadora, poetica toda nêle se exprime, e por isso não ha poetas que lhe não rendam culto, que não se inspirem desse canto nacional para encontrar motivos á sua poesia.

A pintura não o tinha ainda celebrado. Malhóa foi surpreendel-o no bordel, onde êle se acolhe; observou-o em flagrante devaneio e produziu esse quadro de galeria, em que uma qualquer *Severa* de formosura meio apagada pelas orgias, abandona-se impudicamente, toda enlevada nos cantares do seu amante *rufia*.

É verdadeiro o quadro, bem estudado em seus pormenores, composto com toda a naturalidade, sem incorrecções de composição ou de desenho e de boa tecnica de pintura.

Este quadro por si faria a exposição. Não é de admirar que éla tivesse tão bom acolhimento dos portuenses

que, pelo que lêmos nos jornaes do Porto, lhe fizeram as honras devidas adquirindo bom numero de obras.

Assim se vae despertando o interesse pelas coisas de arte neste país a que elle tem sido tão indiferente.

E sem sahir do campo da arte, o mais grato a estas crónicas, houve o *Serão Vicentino*, no Republica, uma consagração mais ao glorioso autor Gil Vicente, que no seculo XVI lançava os primeiros liniamentos do teatro português, na camara real da rainha D. Maria, com o seu auto da *Visitação*, o primeiro como se lê na seguinte rubrica: «*Por quanto a obra de devoçam seguinte procedeu de hũa visitaçam que o autor fez ao parto da rainha dona Maria e nacimiento do muyto alto e excelente principe don loam, o terceiro em Portugal deste nome. Se põe aqui primeyramente a dita visitaçam por ser a primeira cousa que o autor fez e que em Portugal se representou, estãdo o muy poderoso rey dom Manoel e a Rainha Dona Breytiz sua May e a Senhora Duqueza de Bragança sua filha, na segunda noyte do nacimiento do dito senhor.*»

Foi o illustre poeta Afonso Lopes Vieira, o iniciador dessa nova consagração ao poeta quinhentista, que lhe tem merecido os seus melhores estudos literarios, trazendo á luz das ribaltas as originaes composições de Gil Vicente, para que o publico as aprecie, como de facto as apreciou, enchendo a sala de espectáculo com desusada concorrência, o que tanto pôde ser lisongeiro para o gosto desse publico, como para o illustre poeta, tão largamente contribuindo para aquela festa, que abriu com a sua conferencia sobre o singular autor dos *Autos*, seguindo-se a Ave Maria da *Mofna Mendes*, pela actriz Aura Sanches; um trecho do dialogo de *Fr. Paço* e o *Villão da Romagem de Aggravados*, pelos actores Augusto Rosa e Ferreira da Silva; e por fim Chaby Pinheiro, com o seu dizer incomparavel, recitou varios trechos da *Exhortação da Guerra*, auto que Gil Vicente fez a proposito da guerra de Azamor, pedindo ao clero e ás damas de Portugal que para ella dessem suas joias:

*Quando Roma a todas velas  
Conquistava a toda a terra,  
Todas donas e donzellas  
Davao suas joias bellas  
Para materos da guerra.*

*Oh! pastores da Igreja,  
Morra a seita de Mafoma,  
Ajuda a tal peleja,  
Que açoutados vos veja  
Sem apellar para Roma.*

*Deveis de vender as taças,  
Empenhar os breviarios,  
Fazer vasos das cabaças,  
E comer pão e rabaças,  
Por vencer vossos contrarios.*

Na mesma noite em que no Republica se realisava o *Serão Vicentino*, outra festa, em que predominava tambem a arte, offeria o sr. Carlos Ribeiro Ferreira e sua esposa sr.ª D. Laura Abreu Ferreira, no palacete da rua Barata Salgueiro, ás pessoas de suas relações.

Ali dominou a sublime arte de Mouzart, que teve seu culto em distintos amadores, cantando-se a béla opera de *Messenger*, *Veronique*. Esta partitura, das mais preconizadas do insigne maestro, teve por interpretes:

*Helena de Solanges*, D. Maria Tereza Ferreira.

*Agathe Coquenard*, D. Margarida Carneiro.

*Ermerance de Champ d'Azur*, D. Maria Emilia Macieira Lino.

*Denise*, D. Maria de Abreu Batista.

*La tante Benoit*, D. Elisa Castro.

*Florestan de Valaincourt*, D. Laura Reis Ferreira.

*Couquenard*, Carlos M. Ribeiro Ferreira.

*Loustot*, Joaquim Gomes.

*Séraphin*, Carlos de Abreu Baptista.

O desempenho foi brilhante, tanto na parte musical, como na representação das personagens, sendo bisados muitos trechos da opera, verdadeiramente cantados a primôr.

Foi Madame Mantelli, a distintissima cantora, que escolheu Lisboa para estabelecer sua escola de canto, que, professientemente aproveitou a béla disposição para o canto dos distintos amadores. Augusto Mello foi o ensaiador e o maestro Lhorient dirigiu a orquestra e ensaiou os côros, em que tomaram parte as sr.ª D. Rosa Gomes, D.

Maria Henriques, D. Hortense Reis, D. Alice Bandeira, D. Arcelina Santos, D. Luisa Marques, D. Helena Carneiro, D. Adelaide Andrade, D. Maria Gomes, D. Maria Marques, D. Maria Amelia Castro, D. Maria Angelica, D. Maria Inês Rodrigues, e os srs. Claudino Gomes, Luis Soro-menho, José Amzalak, Alberto Reis, José M. Rodrigues, José Reis, Jorge Reis e Mario Reis.

Uma nota curiosa e original ha ainda a mencionar desta linda festa. O cenario do 2.º acto foi pintado pela menina Abreu Reis, a quem a assistencia aplaudiu.

A arte vae triunfando em toda a linha.

CAETANO ALBERTO.

## Bibliografia Portuguesa

Na Biblioteca Nacional de Lisboa

Gentilmente incumbem-me Caetano Alberto a missão de dissertar acerca do museu bibliográfico. Sabe quanto sou demasiado sincero opinando e imparcial escrevendo. Porque privo com Faustino da Fonseca, não agrupeio aos insensores videirinhos, nem cenaculiso com verrinadores politicos de s. ex.ª. Analisarei a iniciativa do director da biblioteca louvando e censurando com sã urbanidade.

Recente-se a exposição de extemporanidade. Realisada mesmo por méro incentivo bibliofilo a lacuna dum catalogo é indesculpavel. Nas exposições: Antoniana em 1895, Vieirina em 97, Petrarchiana em 905, e comemorativa da Guerra Peninsular, õuve sempre catalogos. Redigia os então Xavier da Cunha, erudito bibliografo lançado ao olvido pela requintada nervose da sua extrema bibliofilia. — Permita-se-me o paréntesis. Essa nervose era consequente do quasi desacompanhamento na tarefa engrandecedora daquelle templo. E' o estado doentio dos bibliofilos-bibliotecarios. Daí, a inamidade, o guerreamento e verrina. — Mas, uma parcela desta exposição pertence-lhe. Gabriel Pereira e Xavier da Cunha foram os eruditos coligidores, Faustino da Fonseca, simples expositor.

Evidencia-se ainda a extemporanidade na deficiência de estantes apropriadas e sala condigna. Pretendeu o organisador formar uma perfeita galeria artistica? Talvez, mas esa galeria são corredores estreitos e escuros.

Explanados estes anteolquários considerandos, sintéticamente citarei as mais curiosas e interessantissimas expécies exposicionadas.

Deparei na primeira mostra com as *Horas* da rainha Leonor. D. José Passanha diz num estudo inserto no Boletim das Bibliotecas ser: «*em todo o trabalho de illuminura, evidente a influencia flamenga. Vê-se bem que as Horas de D. Leonor são obra dos fins do seculo XV, isto é, quando a Renascença italiana não exercia na arte portugueza ação decisiva.*»

Originalissimo, este manuscrito é dos mais notaveis. Pertenceu ao convento da Madre de Deus. Durante anos permaneceu na Imprensa Nacional, vindo em janeiro de 1910 para a biblioteca.

Na face interior da capa tem escrito a lettras do seculo XVII:—«Este livro foi da rainha D. Leonor. Não se poder dar de fóra, só pena de excommunhão.— Fr. Luiz de Sant'Iago».

Nesta mostra está o codice: *Horas de Nossa Senhora*. Foi pertença da mesma rainha. Assemelham-se as iluminuras ás da escola flamenga. Não tem etiqueta. Conheço-o porque o sr. Passanha descrevendo-o diz: «*O miniaturista deste livro simpatisava com os caracões, á bastantes e variados nas diversas illuminuras.*» No percurso fúgaz, contemplei a *Biblia* de Gutemberg e *Epistola de Cicero*, primaciaes graficos, aquele de 1450-1455, este de Veneza em 1469. Pessimamente expostas está uma curiosa *Biblia poliglota*, difficil de ser admírada.

Entre os manuscritos, figura a *escritura do casamento do Marquês de Pombal* firmada em Viena, 1741. Foi encontrada numa mercearia. Destaca-se por ter as assinaturas das testemunhas sineteadas a lacre vermelho dando a impressão de salpicos de sangue. *Memorias da Paç de Utrecht*, 1715, é outro codice de frontespicio illuminado soberbamente. A *Biblia tomada em Aljubarrota*. Foraes, pergaminhos de Doações, Codices de Alcobaca, Canones, Horas, formam esse riquissimo relicario artistico.

Bastante variada a coleção sfragística. Af de-

parei com o *Jornal de El-rei Affonso Henriques*, manuscrito de 1210, conservando pendente o respétivo selo.

Nas incadernações salienta-se: *Stoph Columbas* cuja capa ostenta algas, buzios e conchas naturais sobre a correa donde pende o selo. E' a incadernação curiosa. Talvez obra dalgum maníaco. A' tambem uma cartanagem russa digna de reparo pelos arabescados embutidos.

Escaseou-me o tempo para contemplar, espécie a espécie, e para registal-as o espaço é restrito.

Perante essas ricas e majestosas joias estasfeime, maravilhado como avaro bibliofilo obscuro.

Simplesmente louvo Faustino da Fonseca pela iniciativa de expocionar tantas e tão lindas preciosidades.

Comentariei simplesmente a exposição. Do museu bibliográfico, considero uma retórica jornalista. Conheço a manifestada teofobia de Faustino da Fonseca mas não prevejo-o inquisidor. Porque existem afinidades entre um museu de luminuras e a inquisição. Nesta gotejando agua sobre carcerados, esfacelam-se. Naquele jactando o sol sobre codices iluminados, detioram-se. A'... mas não. Faustino da Fonseca não esbanjará esse riquissimo patrimonio de todos nós. Não, Faustino da Fonseca, o director da Biblioteca pôde conservar a fundadora de estabelecimento lançada numa escadaria. Sim. Mas guardará religiosamente essas riquezas bibliograficas de todos os portuguezes.

Janeiro 1912

ALVARO NÉVES.

## Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero 1190)

Da Beira a Inhambane

O porto da Beira está agora regularmente baliado.

O farol, cuja torre tem 30,5 metros de altura e está pintado com seis fachadas pretas e brancas, avista-se bem de largo e o rebocador *Ophir* com os pilotos fundeado fóra da barra auxilia muito o demandar a primeira boia. O canal *Rambler*, com cinco boias luminosas, permite com segurança a navegação de noite. O movimento do porto tende sempre a augmentar ao passo que se desenvolve a rede de caminhos de ferro da qual a Beira é testa. Emquanto estavamos na Beira entrou o paquete *Gascon* da Union-Castle, que descarregou grande quantidade de material para o prolongamento do Beira Railway na direcção das minas de cobre de Tanganika. Em esta linha estando em exploração, facil será que a Companhia de Tanganika obtenha o capital necessario para a conclusão do caminho de ferro de Benguella. Achei a cidade da Beira mais desenvolvida do que quando ha 13 annos ali passei, mas é certo que nunca passará d'um cães de desembarque onde carga e passageiros se demorarão o menor tempo possivel em caminho para a Rhodesia.

Logo que amarrámos na Beira vieram a bordo cumprimentar-me o capitão do porto Moraes Carvalho, secretario do intendente Felner, e tenente Bandeira de Lima, ajudante do governador Pery de Linde, visitas que no mesmo dia retribui. No dia seguinte vieram a bordo o governador e o intendente, e fomos convidados pelo primeiro para um jantar na Residencia ao qual assistiram quatorze pessoas. Pelas 9,30 da manhã do dia 8, no fim da enchente, suspendemos e começámos a navegar em direcção a Inhambane. Estava bom tempo e vento leste bonançoso. Ás 11,30 largámos o pratico e seguimos para o sul. Pelas 4,30 a. m. do dia 9 determinámos a posição do navio por rectas de altura de 2 da Cruz, Jupiter, Regulos e Sirius, ao amanhecer avistou-se terra por estibordo ao longo da qual navegámos e ás 8,30 recebiamos o pratico da barra de Inhambane. O primeiro enfiamto da barra dado pelas duas marcas é actualmente 61º NW (magnético). Com maré de enchente, subimos o rio que está bem balisado e pelas 9,45 fundeámos em frente de Inhambane.

De Inhambane a Lourenço Marques

E' sem duvida Inhambane uma vila sympathica. Desembarca-se n'uma ponte metallica com

243 metros de comprimento, as ruas são macadamizadas e tem passeios de cimento. Possui chafarizes cuja agua é elevada dos poços por moinhos americanos; tem um rasoavel mercado, bom tribunal e um optimo edificio do correio mandado construir pelo ultimo governador. Vê-se que tem estado á testa do districto individuos de valôr que se tem dedicado a melhorar os diferentes serviços. A carta ingleza do rio e barra é antiga e nella passam por cima dos baixos os enfiamentos



FAROL DA PONTA JÉA

da barra. Ha uma carta portugueza em escala demasiado pequena e n'um papel improprio para o serviço de navegação. Esta mesma, porém, não nos foi enviada para bordo e não se pôde adquirir, de modo que foi para nós como se não existisse, d'onde resultou o termos de pagar pilotagem — 758000 réis. As tres boias que assignalam o «banco pequeno», duas pretas e uma ver-



FAROL DE CHIVEVE

melha, têm sido frequentemente mudadas. Da primeira preta marca-se o farol por 60° SE e da segunda preta por 63° SE. As duas primeiras boias, preta e vermelha, estão na linha 40° NE.

Pouco depois de fundarmos vieram a bordo o alferes Casqueiro, cumprimentar-me da parte do governador e o presidente do Conselho Municipal, visitas que em seguida retribui. Fui com o immediato a um jantar que nos offereceu o governador, tenente de cavallaria Cabral. No dia 10 veio o governador a bordo e fui cumprimentado por uma comissão de operarios europeus que me offereceram uma pasta. A's 9,30 a. m. do dia 11 suspendemos e com optimo tempo começámos a navegar em direcção a Lourenço Marques. A's 11,30 largámos o pratico e seguimos

perto de terra ao longo da costa até ao novo bom farol de Zavora que marcámos pelo travez ás 4,35. Içámos o nome do navio, que reconhecemos. Na madrugada de 12 começou a soprar vento sul com aguaceiros. A's 6,15 prumamos em 23 braças, percebemos que estávamos ao norte do caminho, seguimos para o sul prumando e avisámos a Inhaca e o farol de Cockburn que passámos ás 8. Ao contornar a boia da Ponta Vermelha, salvámos á terra e pelas 9,30 amarravamos no quadro dos navios de guerra, perto da capitania do porto com 30 braças de amarra de cada ferro.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.  
Capitão de fragata

## Chronicas Lyricas

## Teatro de S. Carlos

*Huguenottes* — «Matinée» com a *Carmen* — Estreia da cantora Ester Mazzaleni na *Gioconda*.

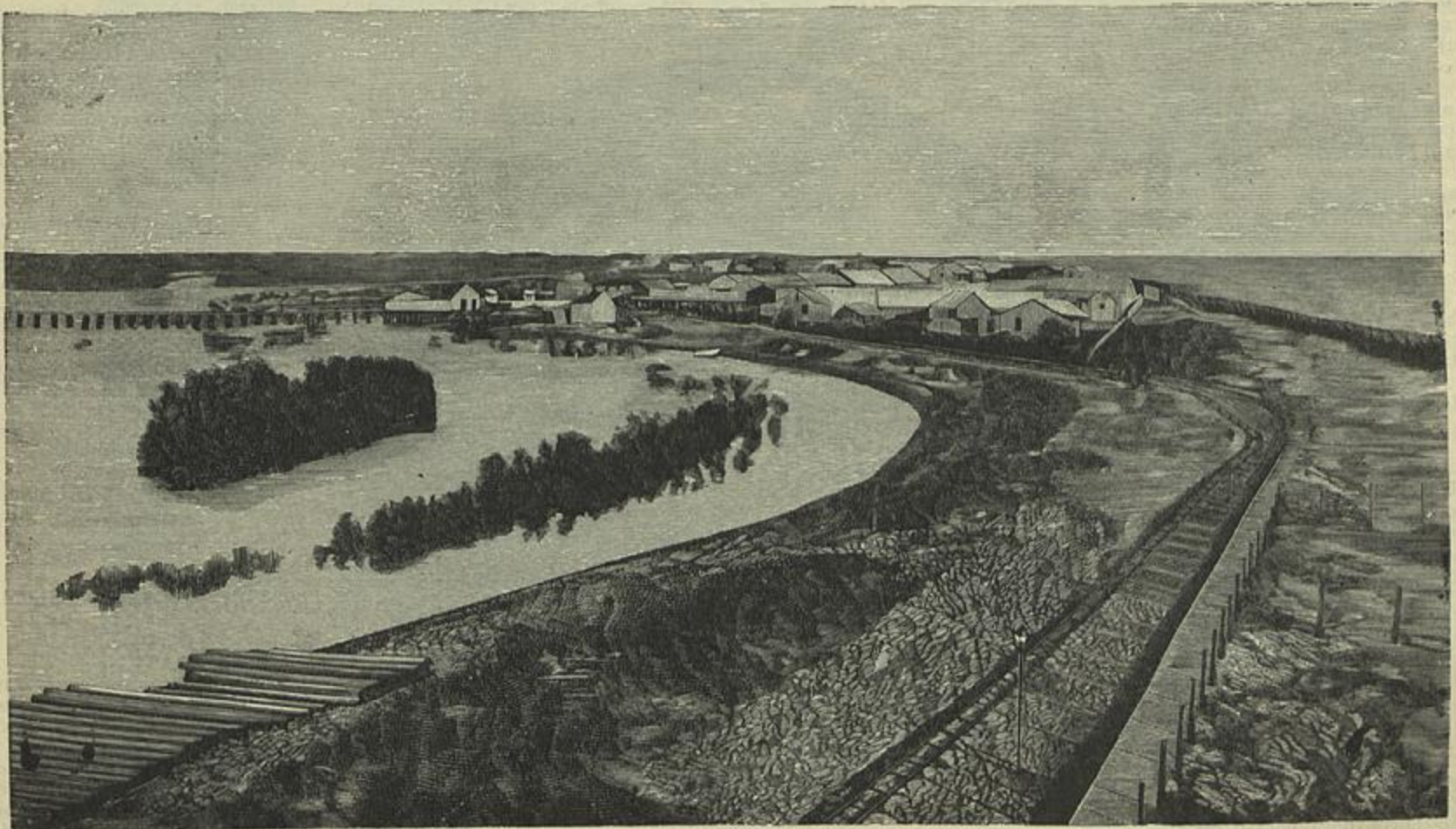
Quem haverá que não seja admirador dos *Huguenottes* de Meyerbeer?! Partitura que meliores tradicções tem no nosso theatro lirico; desde a mocidade fomos embalados com esta musica, e aos nossos ouvidos chegavam os nomes da Barghi, do Mongini, delicias dos nossos paes.

Hoje já esta partitura não pôde ter o harmonico conjuncto que tinha n'outros tempos, e hoje é difficil encontrar-se artistas que possam possuir duas qualidades para esta musica, boa voz e boa escola de canto. Por isso quando entramos em S. Carlos para ouvirmos os *Huguenottes*, já esperavamos como seria o desempenho e quaes os cantores que brilhariam.

O nosso theatro não tem uma orchestra bem organisada, não possui córos sufficientes, d'ahi já a musica de Meyerbeer apresentar-se com um lado fraco.

Na difficil parte de *Valentina* papel que requer uma artista fina e ao mesmo tempo boa cantora, tivemos a sr.<sup>a</sup> Lucia Crestani, que está consagrada perante o nosso difficil publico. O papel de *Valentina* todo elle cheio de vigor e paixão, encontrou na sr.<sup>a</sup> Crestani uma interprete de primeira ordem, tanto na parte vocal como na artistica. Foi muito applaudida tendo muitas chamadas.

O papel de *Pagem*, que é bastante difficil de



UMA VISTA DA BEIRA

# Exposição Malhõa, no Porto

(Veja Cronica)



O FADO — Quadro de Malhõa

ser bem cantado, encontrou na meio soprano Ladislawa Hotkoswska, uma cantora bastante correcta.

O tenor Zinowieff que possui uma tão linda voz, falta-lhe escola, prejudicando bastante a sua parte.

O barytono Ancona foi um conde de Nevers distincto, provando mais uma vez o seu grande talento de cantor.

O baixo Rossato foi um Marcello sem protestos.

Tulio Quercia foi um distincto barytono que se encarregou do papel de S. Bris, agradou sem favor.

Regeu a opera o maestro Giannetti.

Para despedida da cantora Thevenet cantou-se em *matinée* a opera *Carmen*. O theatro apresentava um aspecto desolador, pois estava quasi sem ninguem; concorrendo talvez um pouco o dia estar bastante de chuva.

O tenor Famadas, mais á vontade que na primeira recita, revelou ser um artista correcto.

A opera *Gioconda*, foi um bello espectáculo, devido ao grande talento da cantora Ester Mazzaleni, nova para o nosso publico.

## Teatro de S. Carlos



A SOPRANO DRAMATICO ESTER MAZZALENI

Mazzaleni é uma artista de raras qualidades, e sobre tudo o que mais nos encantou foi a sua parte artistica; no 4.º acto, trabalho verdadeiramente phenomenoal, conseguiu do publico grandes ovações.

Ladislawa Hotkoswska no papel de *Laura*, continuou a merecer a estima da platéa.

O tenor Del Ry, n'esta opera houve momentos que nos agradou, sendo applaudido nos finais dos actos e no fim da romanza do 2.º acto.

O baixo Riera será melhor não fallarmos...

O barytono Hernandez que substituiu á ultima hora o sr. Ancona, foi correcto.

Regeu a opera o maestro Urrutin discretamente.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



### Habitações lacustres

Pôr em seguro o corpo contra o frio intenso, a agua das chuvas penetrante, a excessiva incidencia dos raios solares e o ataque das feras e das aves de presa, deve ter sido no remoto berço dos tempos primitivos a genuina causa impelindo o homem a procurar um abrigo.



GRUPO DA COMISSÃO DE SENHORAS PROMOTORA DA FESTA, NO PARAIZO DE LISBOA, EM BENEFÍCIO DO FUNDO DE DEFEZA NAVAL

Comissão composta pelas sr.<sup>as</sup> D. Maria Luíza Braamcamp Freire, D. Joaquina Dias Ferreira, D. Estefaneza Barreto, D. Tereza Teixeira de Queiroz, D. Maria Tereza Chagas, D. Raquel de Menezes, D. Carlota Silveira, D. Leonilda Gomes, D. Regina Atias, D. Adelaide Coelho da Cunha, D. Amelia Vigeant, D. Maria Macieira, D. Maria do Carmo Queiroz, D. Maria Manzoni, D. Guilhermina Fonseca da Cruz, D. Cristina de Barros Queiroz, D. Palmira Dias, D. Angelina Gomes Shirley, D. Lilia Azevedo Gomes, etc.



Florestan de Valacourt, D. Laura Ferreira

Couquenard, Carlos Ribeiro Ferreira

UMA RECITA DA OPERA «VERONIQUE», DE MESSENGER, POR AMADORES, EM CASA DO SR. CARLOS MACHADO RIBEIRO FERREIRA — *Veja Cronica Occidental*

Se o não tivesse feito, qualquer que seja a teoria adotada explicativa da sua origem, é muito mais do que provável que elle não vingaria resistir ao meio e assim, logo a pouco trecho do seu aparecimento, deixaria ficar esterilmente para sempre o planeta, que havia de ser no futuro o teatro brilhantissimo do seu irresistivel ascendente dominador.

De abrigo em abrigo, mais ou menos estimulado pela força das circunstancias e mais ou menos reflétido em virtude das necessidades crescentes e imperiosas, foi-lhe fatal que lhe chegasse uma hora em que pensasse no modo de construir asilo consolidado e permanente.

Não é porém da habitação humana e do seu progresso através dos seculos que me propôho tratar, e por isso, limito-me neste ponto a fechar as linhas precedentes com as seguintes palavras de Alfredo Maury no volume — *La Terre et l'Homme* —: «La demeure fut donc destinée à défendre la famille et ce qu'elle possède, contre toute espèce de danger venant de la nature on des hommes.»

Posto isto, vou entrar no meu assunto, não alheio em verdade á habitação do ser humano. O que são habitações lacustres?

Nem mais nem menos do que construções assentes sobre estacaria, nos lagos. Similhanças resguardos tipicos e interessantes constituiram moradia dos habitantes da antiga Helvecia, nome por que na epoca dos romanos era designada a hodierna Suissa.

«Les premières populations qui y aient laissé trace, lê-se no volume 2.º, da obra monumental — *Histoire de la formation territoriale des Etats de l'Europe Centrale* — por Augusto Himly, sont les habitants des constructions sur pilotis, dont on a retrouvé les pieux, entourés d'ustensiles en pierre, en corne, en terre, et aussi en bronze, sur les bords des lacs de Constance, de Zurich, de Bienne, de Neuchâtel, de Genève;...»

O eminente sabio Lapparent, diz no — *Traité de Géologie* —: «Nons ne nous étendrons pas longuement sur cette ère des tourbières — (turfeiras, logares onde existe turfa, materia porosa e, pouco pesada resultante da aglomeração de vegetaes carbonisados) — et des habitations lacustres, qui, sur notre sol, touche à l'époque historique et pendant laquelle une population connaissant la pierre polie, les animaux domestiques, les céréales et bientôt l'usage du bronze a vécu, notamment sur les bords des grands lacs suisses, dans des habitations sur pilotis dites *palafittes* ou *habitations lacustres*.»

O celebre historiador grego Herodoto, aludiu a um genero de habitação quasi identico a este, quando, referindo-se aos peonianos do lago Prusias, na Tracia, hoje parte N. E. da Rumélia, afirmou:

«As suas casas são assim construidas: em cima de estacas bastantes altas, cravadas no lago, collocam tabuas muito unidas, servindo-lhes de unica passagem de comunicação para o exterior uma ponte estreita. Outrora os habitantes enterravam tal estacaria á custa da colétividade, mas, depois, assentaram que cada individuo iria buscar tres estacas ao monte Orbelo por cada mulher que desposasse.

E' consentida no paiz a pluralidade das mulheres.

Sobre as tabuas têm as suas cabanas, muniadas de um alcapão muito junto para o lago; e para evitar que as creanças caiam por esta abertura prendem-nas pelos pés mediante cordas. Alimentam com peixe os cavalos e os animaes de carga, substituindo assim o feno. E' tão abundante o lago que descaído pelo alcapão para elle um cesto, a breve espaço de tempo o puxam repleto de peixe.»

O erudito inglez John Lubbock, no seu curioso e instrutivo livro — *O homem pre-historico* — assevera saber por um amigo, residente em Salonica, cidade situada no golfo do mar Arquipelago, antigo Egéu, assim denominado: «que os pescadores do lago Prusias habitam ainda em cabanas de madeira, construidas sobre a agua como no tempo de Herodoto.»

A velha cidade de Tcherkask, na Russia europeia, ergue-se por cima do rio Don, tributario do mar d'Azov ou Azof e a de Bornéo, igualmente, na foz do rio do seu nome, tributario do mar das Indias ou oceano Indico, isto sem falar da poe-

tica Veneza, rainha do Adriatico, no material de construcção da qual figurou a estacaria, pelo menos originariamente, quando os seus fundadores, muitos dos habitantes de Aquilêa e de Padua, para lá se dirigiram no anno de 452, fujindo a Atila, chefe terrivel dos hunos.

Estas citadas povoações, porém, e outras similares, tornadas conhecidas pela respétiva noticia de viajantes illustres, não são propriamente povoações lacustres.

Como se iniciou a sua revelação?

Para responder a esta pergunta darei a palavra ao finado vulgarisado Luiz Figuier, em — *O homem primitivo* — obra cuja versão portugüesa por Manuel José Felgueiras, tenho diante de mim.

Eis a letra da mencionada tradução:

«O inverno de 1853 a 1854 foi de tal modo secco e frio na Suissa, que as aguas dos lagos desceram a um nivel pouco ordinario. Os habitantes de Meilen, aldeia situada nas margens do lago de Zurich, aproveitaram se desta circumstancia para conquistar uma porção de terreno sobre este lago, impondo se elles o dever de o levantarem e cercarem de muralhas.

Quando executavam estes trabalhos, encontraram nas lamas do fundo do lago estacas derubadas ou cravadas verticalmente, louças grosseiras, instrumentos de pedra e de osso, e diversos outros destroços analogos aos das turfeiras dinamarquezas. Esta accumulção extraordinaria de objectos de todas as especies no fundo do lago dessecado, parecia inexplicavel, e perdiam-se em comentarios, quando o dr. Keller, de Zurich, tendo examinado esses objectos, lhes comprehendeu imediatamente a significação. Para elle tornou-se evidente que taes objectos pertenciam aos tempos ante-historicos. Por um confronto que ainda ninguem tinha feito, achou uma relação entre as estacas e os outros restos disseminados pelos arredores; viu claramente que uns e outros remontavam á mesma época. Adquiriu d'este modo a persuasão de que os antigos habitantes do lago de Zurich construíram as suas habitações em cima da agua, e que deveria ter existido o mesmo costume nos outros lagos da Suissa.

Este pensamento foi desenvolvido pelo dr. Keller em cinco memorias muito notaveis, publicadas em alemão.

Tal foi a faísca vigorosa que acendeu um facho destinado a dissipar as trevas de um periodo muito longo, e então pouco conhecido, da historia do genero humano.

Anteriormente á descoberta feita no fundo secco do lago de Zurich, haviam sido tirados da vasa dos lagos da Suissa instrumentos e utensilios singulares, e muitas vezes tinham sido vistas estacas cravadas no fundo da agua; nunca porém haviam sabido interrogar esses vestigios de uma outra idade, não tinham pensado em assinar-lhes uma antiguidade tão remota como a que depois lhes reconheceram.

E' ao dr. Keller que cabe a honra de os haver interpretado em harmonia com a verdade, quando ninguem via n'elles outra coisa mais do que objectos exquisitos. E' pois justo declararmos que o medico de Zurich foi o creador da sciencia *arqueologica* na Suissa.

Após a publicação da primeira memoria do dr. Keller, em 1854, começaram a explorar com ardor os lagos suissos, e não tardaram a descobrir n'elles numerosos vestigios de estações humanas. Hoje são conhecidas para cima de duzentas, e todos os anos se descobrem novas.

Graças á áttividade desinvolvida por uma multidão de exploradores, teem-se podido formar magnificas colleções d'esses tesouros arqueologicos. Os pescadores conheciam desde longa data os logares em que se acharam situadas varias d'essas estações, por terem em muitas occasões despedaçado as suas redes nas estacas plantadas na vasa. Interrogaram nos, tomamos por guias, e bem depressa do fundo dos lagos helveticos sahíu uma civilisação até então ignorada.»

Em seguida aos trabalhos de Keller outros appareceram e, presentemente, está apurado e verificado que o fenomeno da habitação lacustre não foi exclusivamente privativo da montanhosa e nevada Helvecia.

A Italia, a Alemanha, a Russia, a França, a Inglaterra e outras regiões do globo possuem tambem em alguns dos seus lagos a prova eloquente do facto singular.

O inverno «secco e frio» de 1853 a 1854, nada teve de esteril para o irradiar pujantissimo da ciencia, e até, a similhante pormenór eventual deveu Keller uma origem de segura celebridade.

As habitações lacustres documentam o inventivo de recursos das facultades humanas em epoca tão apartada que só pelos seus restos, preciosos aliás, nos é possível avaliar do que seria a existencia dos seus cautelosos moradores.

O paciente archeologo tem ahi campo soberbo de pesquisa remuneradora.

D. FRANCISCO DE NORONHA.



## As ultimas perdizes

### I

Estava se nos fins de fevereiro e com o primeiro de março ia ficar vejdado o tempo da caça.

A chuva, puxada pelo noroeste frio de gêlo, fazia andar todos a correr pela cidade impellidos pela força do vento, quando não fosse a necessidade de ativar a propria combustão interna, como meio de aquecer.

Para isto devia ser magnifico uma digressão venatoria por montes e vales a descobrir perdizes ou no rastro de coelhos; leguas e leguas, carregado com a caçadeira e com as botas taxeadas, atraz dos perdigueiros, de focinhos a ras-tejar farejando por entre os matos em busca de caça.

Os tépidos dias de outono são mais comodos para estas batidas, de manhã cedo, quando as folhas dispersas pelos caminhos ainda estão molhadas do orvalho da madrugada e as perdizes se acocham junto ás moitas, onde depois irão fazer seus ninhos.

Sim, o outono é muito mais proprio para os devotos de Santo Humberto, do que o inverno aspero, frio, cheio de atuleiros e quando os mais humildes regatos trasbordam como largos ribeiros não enchem no verão; mas a caça está agora mais bem creada, apanham se perdizes como galinhas de casta e coelhos como lebres. E' um gosto enfeitar-se um caçador com peças tão formosas. A caça é ainda abundante e a que não cair agora, só sete mezes depois se lhe poderá atirar, se os caçadores furtivos não acabarem com ela antes.

O dr. Gil pensava nisto todos os anos, mas acordava sempre tarde para as digressões venatorias.

Caçador apaixonado, o dr. Gil era quasi sempre infeliz, tão infeliz que se lhe podia tirar o adverbio.

Das suas caçadas podia dizer-se o mesmo que dos seus amores.

Estivera varias vezes para casar, mas por fim ficava sempre solteiro. A' ultima hora surgia qualquer inconveniente e o dr. Gil tinha perdido o seu tempo e o seu latim que, diga-se de passagem, não era de primeira agua. Na Universidade passara com varios perdões de acto no curso de direito, que os houve á farta nos seus tempos moços, quando na Lusa Athenas surgiam muito mais *Bernardas* do que doutores, e os estudantes eram muito menos platonicos ou nefili-batas, como agora se diz e hoje são.

A ciencia é pouco mais ou menos a mesma do que a do dr. Gil, e quanto ao seu latim se brigava, talvez, com Virgilio, o de hoje mal chega ás declinações.

E tambem para quê?

Não era desta opinião o dr. Gil, que nas suas missivas amorosas, não deixava pedantescamente de entremeter citações latinas, que as donzelas não percebiam e se davam a pèrros para decifrar.

Estas tiradas latinistas fóram causa de alguns insucessos amorosos, porque as donzelas mordidas de curiosidade pelo que não percebiam, chegavam ao extremo de mostrarem as cartas ás mamans ou ás tias que, não entendendo tambem, acabavam por dizer ás meninas:

— Isso são palavras feias, esse homem é um atrevido.

E lá se ia o namoro por agua abaixo, por causa de um ou outro verso da *Eneida* ou das *Georgicas*, que o dr. Gil julgava apropiados aos seus idilios.

Não passam debalde os tempos nestas diligencias amorosas, tanto mais quando, como o dr. Gil, que entrou nellas muito mais entrado em anos do que entrara nas *Bernardas* patoleias, de espingarda de pedrenea e com bom dente para roer cartuxos.

Medeava já os seus cincoenta quando se passou a aventura que vou referir, e se não foi a última, só a tumba lhe levará o que o berço deu.

O dr. Gil era, portanto, um solteirão, involuntário, é verdade, como de resto acontece a muito bons sujeitos.

Ele desempenhava-se com certo garbo, resistindo heroicamente aos cincoenta annos. Aproveitando como melhor podia os cabelos que lhe restavam, distribuindo-os pela calva, que avançava e, para os rejuvenescer applicava-lhes certa tintura a titulo de os conservar, mas que, afinal, os tornavam pretos como uma amora, predição que se estendia até ao bigode, de guias puxadas, irtas, destacando-se das faces, um tanto escaveiradas, que a navalha, todos os dias, habilmente barbeava, na premeditada intenção de não deixar surdir os indiscretos cabelos brancos.

No vestuario todo se apurava, principiando pelos colarinhos desmesuradamente altos que mal o deixavam mover a cabeça para um lado ou para o outro; um jaquetão justo e calças afimbradas desenhavam-lhe a esquelética figura, de longas pernas e pés compridos encaixotados em botas á americana, com que galgava leguas e leguas atraz dos coelhos, que ele, afinal, só via a poucos passos de distancia atravez das grossas lunetas, a que o obrigava a sua miopia.

Assim chegara o dr. Gil á idade madura, um tanto desiludido de suas platonicas conquistas, de meninas de estimação, entregando-se agora a apreciador de frutas mais maduras, melhor sasonadas, que já não perturbam tanto o moral e muito menos o físico.

Foi nesta disposição de espírito que o acaso, ou o destino, lhe deparou uma aproximação, sem ser a da sorte grande, mas aquella, porventura, que ele mais ambicionava, uma senhora sisuda, ainda fresca, apesar de umas pedrinhas de sal a salpicarem-lhe um ou outro cabelinho, que até lhe dava graça e garantia a genuidade.

Ele, resignado, já não estava para outras aventuras, e desta vez parecia lhe realizar os sonhos de tantos annos em encontrar a metade que lhe faltava no seu lar.

D. Vitoria, que assim se chamava a nova requestada do dr. Gil, correspondia bem ao reclamo, como ele, caçador, dizia das donzelas que lhe aceitavam a côrte. E como não a havia ela de aceitar se já estava na idade de *venha quem vier*, pois de ha muito passara os trinta e entrara nos quarenta.

Não só na idade levava vantagem ao dr. Gil, mas na magnifica plastica de boas fórmias, revestidas de pele, não direi setinosa como se fôra de autentico setim de seda, mas para ser de algodão imitava muito bem, mercê de certos cosmeticos especiaes, de que muito boas senhoras usam para não se despedirem da mocidade louçan. Deresto para parecer bem tudo é desculpavel no belo sexo, até o pintar-se, que a pintura, se não tentou Eva, de muito perto veiu do Paraizo a alindar as mulheres de todos os tempos, e não vão longe aqueles em que era moda esmaltar as faces com sinais aveludados, de irresistivel sedução provocante.

Não sei se estas ou outras seduções, um tanto serodias, levaram o dr. Gil a apaixonar-se por D. Vitoria; alguma coisa disto devia ser, para o influir em novas aventuras, ele ja bastante resignado no seu meio seculo, sempre má sucedido em amores.

Mas D. Vitoria soprara-lhe o borralho do seu coração, agora ateado em fogo, não direi vivo, porque seria grande exigencia, mas sufficientemente abrasado para lhe consumir as ultimas fibras do amor.

## II

Foi no Rocío.

O dr. Gil, todo casquilho, entrou num eléctrico para o Jardim Zoologico. Sentou-se despreocupadamente em um banco, quando, atravez das suas grossas lunetas, viu que na sua frente ia uma dama, que, atravez das mesmas lunetas, achou interessante. Trocaram-se olhares insistentes, muito principalmente da parte dêle, tornando-se cada vez mais inflamados á medida que a dama a eles correspondia com leve sorriso animador.

Os vinte minutos de eléctrico passaram-se como vinte segundos, e quando os dois se encontravam no lindo parque, em frente das jaulas dos leões e das panteras, já falavam de historia natural, descrevendo o dr. Gil a utilidade dos furões na caça aos coelhos.

— Tenho ouvido dizer que só comem gemas de ovos?

— Sim, minha senhora; só comem gemas de ovos, os gulosos, mas em compensação desalojam os coelhos das covas mais fundas.

— E' o que vale, senão ficavam carissimos; os ovos estão por tal preço!

— Muito caros, muito caros, pelo que me diz a governanta.

— Ah, o sr. tem governanta?

— Pois se eu sou solteiro.

— Ah, é solteiro!

— Em folha, minha senhora, para servir a v. ex.<sup>a</sup>

— E' muito amavel... e tambem caçador... , julgo, pela conversa dos furões.

— Caçador, sim, minha senhora, v. ex.<sup>a</sup> não imagina como eu adoro a caça; e todo influido, o dr. Gil aventurou: *paulo majora canamus*.

— Que diz o sr.?

— E' de Virgilio.

— Não conheço nenhum.

E o dr. Gil, com o pedantismo do latim, transformava o feliz encontro, porque D. Vitoria voltara-se para a jaula dos ursos, que ofegavam de calor apesar do termometro não marcar mais de 10°.

— Mas minha senhora, queria dizer, que passemos a outro assunto.

— Eu prefiro o mesmo, respondeu D. Vitoria voltando-se um pouco; isto é, gosto mais de perdzes do que de coelhos. As perdzes são muito boas de molho de vilão.

— E de mão no nariz, acrescentou o dr. Gil.

— Não sei... talvez.

— Ah! certamente. De mão no nariz, minha senhora, de mão no nariz.

— Ha muito tempo que as não como...

— Ora essa, atalhou o dr. Gil todo prestante, terei muito gosto em oferecer a v. ex.<sup>a</sup> um par de perdzes, que estão agora magnificas e eu mesmo as irei caçar.

— Isso terá para mim dobrado interesse. E' muito amavel, sr... .

— Pompeu Gil, completou o dr. radiante, advogado nos auditorios da comarca de Lisboa, e um creado para servir v. ex.<sup>a</sup>

— Tem graça. Que singular coincidência. Agora mesmo pretendo tentar uma acção por perdas e damnos, e não sabia a quem me dirigir.

— A's ordens de v. ex.<sup>a</sup> pa'a as perdas e damnos e tudo mais que possa prestar.

— E para as perdzes, que eu não perdou. Dizendo isto, D. Vitoria tirava da sua carteira um bilhete de visita com morada e entregava o ao dr. Gil.

— Estimarei muito receber a visita de v. ex.<sup>a</sup> em minha casa para tratarmos da demanda...

— Da demanda e do mais que v. ex.<sup>a</sup> mandar, acudiu o dr. Gil, faiscando-lhe os olhos atravez das grossas lentes, quanto lh'o permitiam os seus cincoenta janeiros.

(Continua.)

CAETANO ALBERTO.

## Boletim Bibliográfico da Academia das Sciencias de Lisboa

Sobre a nossa banca de trabalho temos presente o fasciculo n.º 1 do 1.º volume da 2.ª série do BOLETIM BIBLIOGRÁFICO da Academia das Sciencias, relativo a outubro de 1911, e primeiro que sai desde que o sr. Alvaro Neves foi nomeado conservador da Biblioteca da Academia.

Primeiro que tudo vamos dizer qual o conteúdo deste fasciculo do Boletim para, oportunamente nos referirmos, ao sr. Alvaro Neves, que com tanta competencia o organizou.

O sumário é:

I — *Reforma de Bibliotecas e Arquivos, do sr. dr. Antonio José d'Almeida*. II — *Uma denuncia em 1614 contra dois livreiros*, curioso artigo do erudito sr. Pedro A. d'Azevedo em que, com um documento autentico, se prova que Antonio da Mata Falcão, cristão velho, declarou que Nicoláu de la Cathurez negociava em livros de fóra do reino porque, sendo o denunciante sabedor de matematica, adquiria livros de genero, cuja venda era prohibida em Portugal, nessa época, e não chegando a acôrdo no preço resolveu denunciá-lo, e bem assim uma outra delação contra Antonio de Najera, cristão novo e matemático, que era, como de la Cathurez, mercador de livros. III — *Bibliotecas e Arquivos*, excelente artigo do sr. Cristovam Aires, illustre inspetor da Biblioteca da Academia. IV — *Varia*, por C. A. V —

*Tomé Pinheiro de Veiga e a Fastigimia*, interessante artigo de Alvaro Neves, confrontando edições diversas dessa obra. VI — *Obras catalogadas na Biblioteca da Academia das Sciencias de Lisboa, por materias*, afanoso e consciencioso trabalho do ex-conservador da mesma biblioteca, sr. Cardozo Betencourt. VII — *Miscelânea* em que Alvaro Neves, por meio de compilação, trata de: um autógrafo curioso de Lutero; leitura italiana; jornalismo excêntrico; raridades; biblioteca da Academia no Parlamento; preciosidades da biblioteca de Viseu; bibliografia aeronáutica; ex-libris; tipografia da Academia; biblioteca e arquivo geral do Ministerio do Fomento.

Este é o resumo de tudo quanto se contém neste curioso in fólio de 168 paginas que a Academia das Sciencias, por intermédio do sr. Alvaro Neves, se dignou enviar a esta revista.

XVII I CMXII

RUI D'ABOIM.

## PELOS TEATROS

### Ginásio

Uma peça de assuntos policiaes.

Sherlock Holmes? Arsène Lupin? ou algum discipulo?

Arsène Lupin em pessoa que vem passear no palco do Ginásio toda a sua argucia — originária do cerebro inventivo de Maurice Leblanc.

E adeus belas noites passadas no Ginásio para onde se ia com a intenção de desanuviar tristezas, de distraír o espírito admirando a graça fina e ligeiramente maliciosa, a crtica mordaz e causticante de certos tipos e certos costumes, tudo envolvido habilmente num entrêcho caprichoso que provocava o riso franco e uma alegria sa e comunicativa.

O nosso teatro normal deu o exemplo fazendo subir à scena uma peça dêste genero que se suportaria bem em qualquer outro teatro ainda mesmo que desse 80 representações, porque, afinal, isso é da competencia do público cujos gostos declarados indicam naturalmente aos empregados o caminho que têm a seguir.

Uma outra cousa contribue tambem para que eles sejam levados a explorar certo genero e essa é a falta de autôres que produzam obras que tenham subido valôr, pois que só essas podem vencer outras que apenas possuem a propriedade de interessar um público inculto e com uma educação artistica deficiente.

Ha tres anos representou-se no República, obtendo grande successo, uma peça dêste genero, o *Raffles*.

Agora aparece-nos no Ginásio *Arsène Lupin*, peça traduzida por Portugal da Silva com o titulo de *Rei dos Gatunos*.

Quem sabe se na proxima época teatral se representará em S. Carlos uma ópera intitulada *Robert Houdin*.

Deve ser divina a harmonia do roubo e tenho a certeza de que o lírico regorgitará de espectadores.

Esse genero de literatura difundido por toda a Europa tem apenas um valôr: o mercantil.

Mas vamos à peça e examinemo-la nas suas linhas gerais.

Está bem architectada como não podia deixar de estar sendo o seu assunto puramente imaginativo, completamente livre de qualquer lucha de principios. O interesse é crescente até à scena final.

O dialogo é o que as circunstancias exigem que seja e nada mais.

Ali trata-se menos de um estudo psicológico que da maneira de fazer succeder scenas em que a astucia predomina.

A fantasia é exuberante; os caracteres não são aprofundados, são tratados á *superficie*.

Eu podia resumir-lhe o entrêcho. Mas para quê?

Quem ha que não leu ainda os célebres contos de Conan Doyle, esse médico inglês que reconheceu a acção prejudicial da sua propria obra?

Pois é uma historia dessas com pequenas variantes.

Sómente entre Sherlock Holmes e Arsène Lupin ha uma diferenca muito grande. E' que um é policia e o outro ladrão.

No tipo inglês é o policia quem vence, o policia que tinha um fim altruista que era o de libertar a sua terra dos terríveis gatunos que a assolavam.

No tipo francês quem vence é o ladrão, cuja astúcia é superior à do policia olhado como personagem odioso e até ridiculo.

Nesta peça quasi que se faz a apologia do roubo. Encontrámos-lhe exclamações taes como esta:

«E' porque nunca roubaste! experimenta e verás.»

E porque é que o Rei dos Gatunos mostrava satisfação em roubar?

Porque, di-lo elle, em todas as classes da sociedade por que passou só encontrou mentira, hipocrisia, coisas nauseabundas que o levaram a dedicar-se àquêl nobre ideal de ser ladrão.

E no final regenera-se e quem opera esse milagre é uma mulher que tambem foi ladra. Essa mulher roubava para conservar a sua honestidade.

Mas esta solução tem tão pequena importância no meio daquêl conjunto de scenas tumultuarias em que decorre o ultimo acto que quasi desaparece no espirito do espectador para realçar mais a figura do Rei dos Gatunos com os seus prodigios de habilidade, de sangue-frio e o seu desprezo das convenções que são a base moral da sociedade.

Foi a impressão que me deixou essa peça de retumbante successo que durante muito tempo havemos de vêr no cartaz com gran-



de satisfação da empreza e do público amante de espectaculos dessa natureza.

Seria injustiça não citar o nome de Henrique de Albuquerque que desempenhou admiravelmente o papel de Rei dos Gatunos que se fazia passar por duque.

Este nosso estimado actôr estudou conscienciosamente o seu papel nos seus minimos detalhes e demonstrou mais uma vez as suas notaveis aptidões que o hão de colocar nas proeminências da scena portuguesa.

Machado, o policia, não se desempenhou muito mal do seu arduo papel.

Cardoso podia aparecer um pouco mais bem vestido para melhor condizer com o seu papel de milionário.

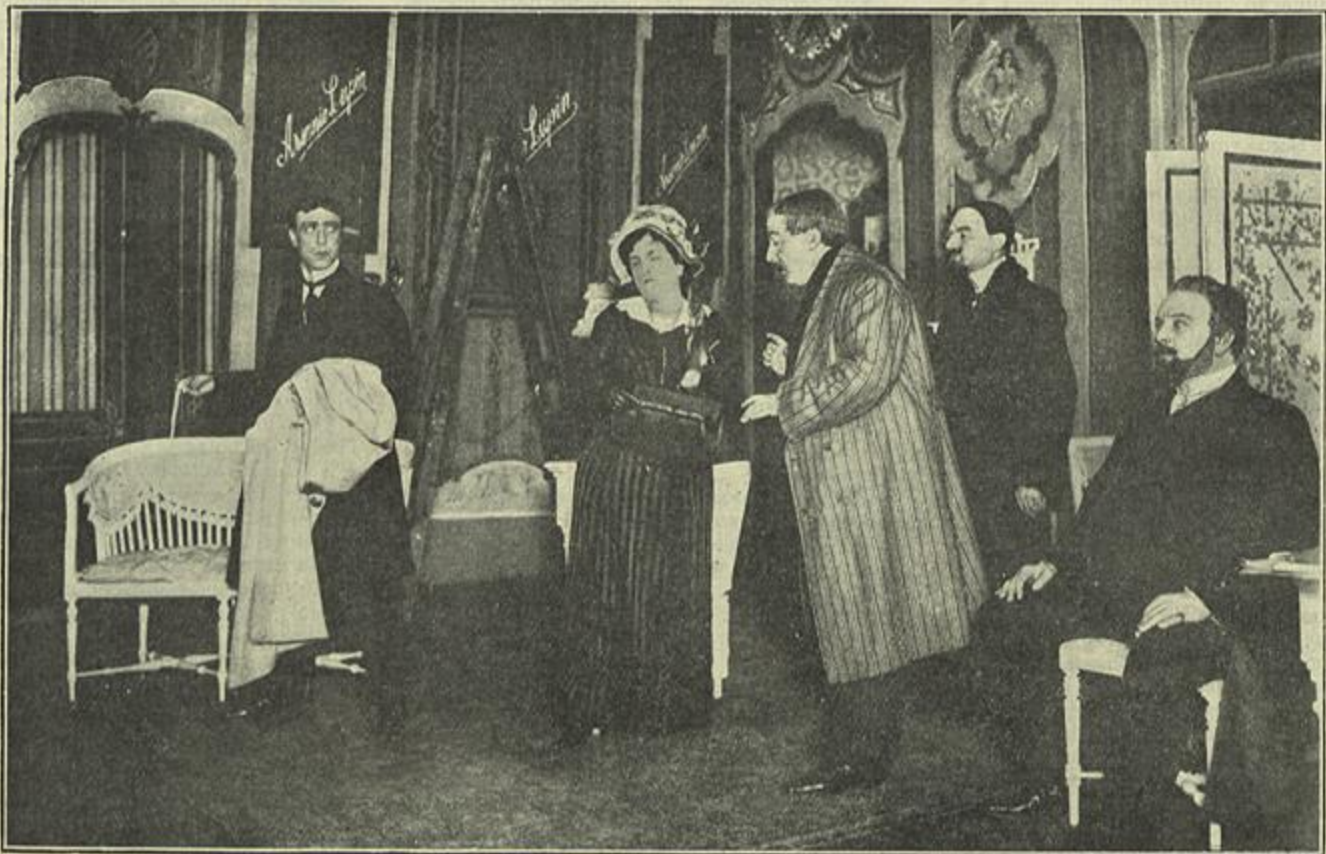
Maria Augusta e Telmo bem e os restantes nos seus pequenos papeis pouco fizeram para o brilho da representação.

A. N.



— Cousa exquisita! disse um amigo a outro. Não sei onde minha mulher arranjou um pó de arroz tão doce, que todas as vezes que lhe dou um beijo parece-me que estou a comer assucar.

— Homem, é verdade! exclamou o outro distrahidamente, eu tambem já notei isso...



TEATRO DO GINASIO

«O REI DOS GATUNOS», 4.º ACTO, ARSENE LUPIN — 2.º ACTO, LONIA — LEVO AQUI O MEU LENÇO... O DINHEIRO...

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



## CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

## Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

## CONTRA A TOSSE

MAROP PEITORAL  
JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e aprovado nos hospitaes. Premiado com Medilhas d'Ouro em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. Pedro Franco & C., Lisboa.

## Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais effizaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debeis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis

Cada lata " " " " 240 " "

A' venda em todas as pharmacias